

---

TABORDA, Francisco: *Nas fontes da vida cristã. Uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2001. 246 pp., 23 X 16 cm. Coleção Theologica, 4. ISBN 85-15-02293-1.

---

O livro de Francisco Taborda aparece no cenário das reflexões teológicas sobre os Sacramentos do Batismo e da Crisma como fruto de um minucioso trabalho de pesquisa que foi se gestando e se realizando ao longo de suas experiências na área do ensino da Teologia dos Sacramentos. Que poderíamos esperar, depois de um empenho que representou a dedicação de um quarto de século (!) de estudos, reflexão, ensino, debate e aprofundamento em torno de um tema tão importante para a vida da Igreja, como é a reflexão sobre a prática do Batismo e da Crisma? Que fruto espera-se colher de um trabalho sério, responsável e comprometido de um teólogo, como Taborda, que se debruça, com toda dedicação e competência, à tarefa da pesquisa, com o único desejo de tornar mais compreensível e relevante para a atualidade um dos elementos fundamentais da vida cristã que é a vivência do Batismo e da Crisma como expressões do seguimento de Cristo? Vindo da “fonte” de onde vem, não poderíamos esperar desta obra outra coisa senão um apreciável e saboroso fruto que teve a devida chance de ser amadurecido no seu próprio pé,

pois, não sofrendo a violência de ter sido arrancado fora do tempo ou de ter sido produzido artificialmente fora de época, gozou da necessária disposição para ser um fruto saudável, permanecendo paciente e intimamente ligado à sua “árvore”, a “árvore da vida”, que nada mais é do que a dinâmica envolvente da realidade sócio-cultural-religiosa latino-americana em que as idéias deste livro fincam as suas raízes e faz produzir o seu “fruto”. E é justamente na unidade existente entre a “árvore” – que é a realidade em que se vive, e o “fruto” – as idéias que brotam da realidade e que estão presentes no livro, que se encontra a força inovadora desta obra. Ou, dito de outra maneira: na relação que se estabelece entre a realidade histórica e a sua reflexão, entre a vida e a fé, é que nós podemos perceber todo o alcance de um trabalho que foi gestado pela habilidade de uma mente e pela paixão de um coração latino-americano ansioso por ver a comunidade eclesial assumir, com decisão e coragem, a sua missão de batizada na fé e crismada no seguimento de Jesus, que transforma a vida de quem acolhe consciente e

responsavelmente o chamado de participar, pessoal e comunitariamente, da construção do Reino de Deus. Mas só depois de ter passado pelo processo natural de maturação, tão fundamental para garantir e manter a expectativa de que algo ou alguma coisa poderá vir a ser saudável por aquilo que lhe é lícito esperar, é que este fruto, em forma de livro, pôde ser colhido pelo cuidado das mãos que o produziram, mãos por onde fluía toda a “seiva” das idéias que, por manter contato direto com a “árvore da vida”, deu vida às palavras pensadas e digitadas que formavam e davam consistência e vitalidade ao corpo vivo e dinâmico do que hoje chega em nossas mãos, através das páginas impressas deste livro, que tem a missão de enriquecer e ampliar os conhecimentos em torno de uma nova e empolgante teologia do batismo e da crisma. Podemos dispor e desfrutar da obra de Taborda porque ela é fruto que brota de uma “árvore” que se situa no contexto de uma vida marcada pela luta perseverante de um povo que insiste em viver da esperança, que não desiste de acreditar na viabilidade de um mundo justo e fraterno como algo querido por Deus. Por isso, esta obra de Taborda não só nos dá a garantia de que o seu conteúdo é de qualidade, porque da terra e voltado para os que estão ligados à terra ou pela terra se interessam, mas também porque se trata de uma obra que abre novas perspectivas para que se possa assimilar intelectualmente e vivenciar existencialmente os sacramentos da iniciação cristã em sua totalidade, integridade e unidade.

*Nas fontes da vida cristã* é uma obra composta por várias seções ou partes interligadas e que, devidamente articuladas, dão unidade ao conjunto do conteúdo que vai sendo desen-

volvido. Metodologicamente, o autor toma como ponto de partida das diversas partes de seu trabalho a experiência humana que está por trás de cada elemento que compõe a realidade do batismo-crisma a ser analisada. Assim, a análise antropológica do dado religioso que vem ligado à experiência do batismo-crisma, é aquela que dá sustento e garantia de universalidade às suas afirmações, pois faz referência à estrutura da condição humana enquanto tal. Em seguida, este dado analisado antropológicamente vem “submetido” ou confrontado pela análise da reflexão bíblica que ajuda a encontrar na Palavra de Deus o fundamento último das realidades e dos anseios vividos pela pessoa humana através da experiência que se faz do batismo e da crisma. Em seguida, o autor faz a sua reflexão teológica, procurando “dar a razão” da fé da Igreja que assume estes sacramentos como dinâmica da existência cristã vivida à luz do mistério pascal de Cristo. É importante notar que, de tudo aquilo que se diz e se afirma, não se reduz a mera teoria ou exposição erudita de um determinado conhecimento, mas de tudo se pode tirar as conseqüências práticas para a vida pastoral da Igreja e para práxis cristã.

O livro de Taborda apresenta uma **introdução**, que eu chamaria de “geral”, ao assunto que será tratado, na perspectiva da relação e da integração do Batismo-Crisma como unidade teológica e distinção sacramental; um **desenvolvimento** deste mesmo assunto que vem considerado em três grandes partes, analisadas em dez capítulos; e, por último, uma pequena **conclusão** onde se procura colocar em evidência o desafio apresentado pela teologia do batismo-crisma que consiste em viver a fé cristã como resposta ao Deus Vivo

que se revelou em Jesus Cristo e que nos chama à conversão e à defesa da vida num mundo que se caracteriza como pós-cristão.

Na **introdução**, o autor aproveita, criticamente, do ensejo das comemorações centenárias da chegada dos portugueses e dos espanhóis ao nosso Continente, para apresentar, em linhas gerais, o panorama de fundo da problemática da evangelização da América Latina e do Caribe e de sua relação com a prática batismal da Igreja. A partir daí, abre-se a porta por onde passa uma série de questionamentos que irão motivar e nortear a criação desta obra: o **desenvolvimento de uma teologia batismal e crismal que procura integrar o rito com a vida cristã**. Por isso, a importância que se dá à análise crítica da relação e integração entre a prática do sacramento e a vida concreta social e histórica em que vive a pessoa ou grupo de pessoas, pois esta foi a preocupação básica fundamental que esteve presente nas preocupações pastorais e catequéticas da Igreja desde a instituição do catecumenato no século II.

No corpo do livro, que é a parte central onde aparece explicitado todo o seu conteúdo, se encontra o **desenvolvimento** da teologia do batismo-crisma que se dá através da análise antropológica, bíblica e teológica dos elementos que compõem a realidade do batismo-crisma e de sua celebração. Para desenvolver esta análise, o autor lança mão da fenomenologia da “festa” como uma categoria que tem a possibilidade de se apresentar não só como “um paradigma apto para expressar teoricamente a unidade entre seguimento de Jesus e rito sacramental” (p.20), mas também como a visibilização prática, que se dá através de suas manifestações sim-

bólicas e de suas interações sociais, da unidade que uma sã teologia do batismo-crisma reclama para si mesma: a unidade que surge das mútuas relações e das indivisíveis correspondências entre a celebração do sacramento e a própria vida que se desenvolve no dia-a-dia da sua existência ou, como diz Taborda, a integração que tanto se almeja que aconteça entre “rito e vida cristã”. Da categoria “festa”, mais profundamente analisada pelo autor em outra obra de sua autoria *Sacramentos, práxis e festa. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*, Vozes, Petrópolis, 1998, 4ª edição, tomam-se os elementos fundamentais que irão corresponder às três partes do livro: o **fato valorizado** (desenvolvido na primeira parte do livro onde se trata da iniciação à fé cristã como caminhada de conversão), a **expressão significativa** (desenvolvida na segunda parte do livro, onde se trata dos gestos simbólicos relacionados com a participação no Mistério Pascal de Cristo) e a **intercomunhão solidária** (desenvolvida na terceira parte do livro, onde o Batismo e a Crisma são apresentados como sacramentos de incorporação à Igreja). Quando aplicados ao sacramento do batismo-crisma, estes três elementos, são constitutivos da festa, passam por uma releitura ou por uma interpretação bíblico-teológica que irá ajudar a perceber todo o alcance da experiência da fé sacramental da Igreja que se manifesta intimamente ligada às dimensões e às realidades marcantes e profundas da vida humana. Assim, o **fato** que se valoriza no batismo-crisma é a “conversão dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro” que a Igreja celebra em dois momentos expressivos da participação de cada pessoa no único e indivisível mistério pascal de Cristo: morte e ressurreição (ascensão cf. Ef 2,6 p. 146) – batismo, e

pentecostes – crisma, (cap. I, II, III, IV e V); o **gesto simbólico** que expressa significativamente esta realidade da conversão é o derramamento da água que visibiliza a “passagem”, o “mergulho”, ou batismo na morte de Cristo que faz ressurgir para a vida nova ressuscitada com Ele (cap. VI, VII e VIII); e a **intercomunhão solidária** é justamente esta vivência eclesial celebrativa do acontecimento que é a incorporação do neófito ao Corpo de Cristo que é a sua Igreja, comunidade dos que procuram seguir Jesus guiados pela força do dom do Espírito Santo (cap. IX e X).

O livro de Taborda tem o mérito de não se perder numa análise estritamente sacramental, desvinculada do resto da Teologia, pois além de fazer as necessárias e oportunas referências aos diversos aspectos e dimensões do saber teológico (eclesiologia, trindade, antropologia teológica, pneumatologia e escatologia), procura manter a unidade da sua Teologia dos Sacramentos através destas relações diferenciadas e complementares que ele estabelece. As idéias, às vezes, aparecem repetidas ao longo dos capítulos, como também algumas explicações de termos e citações (cf. a explicação de “míron” no texto e nas notas, p.148). Mas como a sua didática ou a sua maneira de apresentar e desenvolver o tema é de tipo “espiral” (retoma algumas idéias, para depois aprofundá-las), estas repetições não chegam a cansar o leitor.

Penso que o conteúdo do livro de Taborda poderia estar um pouco

mais em sintonia com a sensibilidade teológica atual que procura ressaltar ou chamar a atenção para a dimensão feminina e materna de Deus e de suas relações para conosco, sobretudo quando o autor, tratando do “acesso histórico à trindade” no cap. III, tem a oportunidade de falar do mistério de Deus a partir da “experiência pascal dos discípulos como uma experiência de fé na presença do Espírito” (p. 60). O nosso autor “deu um cochilo” quando poderia ter-se valido de uma tradução mais exata da palavra hebraica “*ruach*”, **colocando-a, como convém, no feminino**, e não no masculino, como aparece no texto: “Adão, feito do limo da terra, recebe vida, porque YHWH sopra sobre ele e lhe insufla *o ruach*” (p. 61, - grifo nosso). Sobretudo para a teologia do batismo, tão ligada à geração da vida, ao nascimento, ao seio materno, à pia batismal como imagem do “útero da Igreja-Mãe” onde os novos membros são gerados... toda essa gama de imagens simbólicas, intimamente ligadas ao universo da vida da mulher, mereceria uma reflexão em torno da temática do feminino em função de uma melhor compreensão da revelação do próprio mistério de Deus e do mistério da Igreja que é, antes de tudo Mãe que gera e acolhe (batiza) e, pela força do Espírito, envia em missão (crisma). No entanto, vale a pena conferir!

*José de Anchieta Lima Costa SJ*

---

*L'Interpretazione della Bibbia nella Chiesa: Atti del Simposio promosso dalla Congregazione per la Dottrina della Fede, Roma, settembre 1999. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2001.342p. 23 X 17cm. Collana Atti e documenti, 11. ISBN 88-209-7123-2.*

---

Este livro, que contém as atas do Simpósio promovido pela Congregação da Doutrina de Fé em 16-19 de setembro de 1999, confirma a linha de abertura quanto à leitura da Bíblia que já se podia perceber no documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1994, *A Interpretazione da Bibbia na Igreja*. O elenco dos participantes inclui diversos biblistas protestantes e um grego ortodoxo. Nota-se a total ausência de biblistas que atuam no Terceiro Mundo. Mas vamos ao conteúdo.

As contribuições são as seguintes: "Uma proposta de releitura da Inspiração bíblica depois da *Formgeschichte* e da *Redaktionsgeschichte*" (Gianantonio Borgonovo), "Inspiração e Verdade da Escritura: novas abordagens no contexto da atual discussão científica" (Helmut Gabel, com reação de K. R. Trembath); "A assimilação de culturas estrangeiras na S. Escritura" (Horacio Simian-Yoffre); "A palavra de Deus na Sagrada Escritura e nos livros sagrados de outras religiões" (Bruno Forte); "Escritura como Cânon na Igreja" (James A. Sanders, com reação de Christoph Dohmen); "A problemática do cânon bíblico e a redescoberta de sua necessidade" (Max Seckler, com reação de Adrian Schenker); "*Intentio textus* e *intentio auctoris*" (Edmund Arens), "A '*Regula fidei*' como princípio hermenêutico ontem e hoje" (Prosper Grech, com reação de Savas Agourides), "Critérios no novo Testamento para uma Teologia do Antigo Testamento" (Thomas

Söding, com reação de Paul Beauchamp), "Uma ou duas Alianças" (Norbert Lohfink, com reação de Albert Vanhoye), "O testemunho dos livros do Novo Testamento para um único querigma/evangelho" (Giuseppe Segalla), "A unidade e diversidade de conceitos no Novo Testamento" (Joseph A. Fitzmyer).

Não podendo aqui apresentar e discutir os diversos estudos, vale considerar a conclusão que surge do simpósio como um todo, como ocasião de reflexão comum sobre os novos caminhos nos estudos bíblicos. Esta conclusão é da mão de P. Grech, J.N. Aletti, M. Ouellet e H. Simian-Yoffre.

Reconhece-se a história dinâmica de conceitos como cânon, inspiração, interpretação e mesma verdade escriturística. A história da teologia é a *Wirkungsgeschichte* (história dos efeitos) da palavra inspirada ativa na vida da Igreja.

Quanto à *inspiração*, nota-se acordo crescente em ver a Bíblia como testemunho escrito do diálogo entre Deus e os homens, na linguagem de seu tempo. Na revelação, o Espírito é ativo desde a original inspiração do autor através de todas as fases da formação do texto até o leitor que recebe essa revelação antes de mais nada na comunidade eclesial reunida na oração litúrgica. A percepção dessa inspiração na multidão de estágios de tradição e redação supõe o estudo histórico-crítico e a exegese diacrônica.

Tradicionalmente liga-se à questão da inspiração a da *verdade* da Escritura. Na perspectiva aqui esboçada, a verdade supõe a capacidade do texto para provocar em todo tempo o diálogo entre Deus e o homem em todas as suas manifestações (históricas, existenciais, simbólicas...). Também não se pode excluir, já que o Espírito sopra onde quer, que experiências de verdadeiro encontro com Deus estejam refletidos nos livros sagrados de outras religiões.

Quanto ao *cânon*, observe-se que há diversos. Tanto na sinagoga como na comunidade cristã foram recebidos como escritos fundacionais e nas respectivas comunidades continuam dando novo impulso à fé e alimentando sua *traditio*. Na sua diversidade, os livros bíblicos recebem sua unidade da fé em Deus, do Cristo em torno do qual se articulam e do Espírito que os produz. Assim constitui-se um quadro mais amplo, que permite a elaboração de “teologia bíblica”. O cânon é essencial também para a liturgia, e a conservação do “Antigo Testamento” possibilita o diálogo com o povo de Israel, do qual foi herdado.

Quanto ao *método*, aparece que o *sola Scriptura* foi uma fórmula unilateral, inspirada pelos conflitos do momento, dificilmente sustentável hoje. As próprias confissões oriundas da Reforma procuraram um “cânon no cânon” para definir um princípio de interpretação, assim como desde a teologia dos Santos Padres a multiforme *regula fidei* vem animando a contínua *disclosure* hermenêutica das Escrituras. Certamente, o núcleo gerador do sentido do texto continua sempre o que o autor quis comunicar, mas este *sensus textus* está comprometido com

o *sensus lectoris* (que é também *sensus fidei*), processo que produz compreensão mais profunda e atualizada da revelação, que constitui o crescimento da verdadeira tradição na Igreja. Isso requer, evidentemente, que a Escritura seja lida dentro da perspectiva da fé cristã, mas pode ser enriquecida pelo diálogo com outras crenças religiosas e compreensões seculares do mundo (e do texto bíblico). Surge assim uma leitura “enriquecida”, que quanto à fé cristã deve ser acompanhada pelo “ministério do magistério”... (que não foi especificado no simpósio). O lugar mais próprio da percepção do pleno sentido é a *anamnese* do sentido original, sobretudo na celebração eucarística.

Um ponto muito importante é a *relação entre o Antigo e o Novo Testamento*. Sem desprezar as teologias específicas da Bíblia de Israel, acentua-se a necessidade de uma teologia cristã do Antigo Testamento, levando em conta que o teor profético do Antigo fundamentou o Novo. “O princípio hermenêutico da releitura cristã do Antigo Testamento permanece sempre o evento Jesus Cristo – sua vinda na carne, vida, morte e ressurreição – que, por sua vez, são entendidos à luz do Antigo Testamento e que removem o véu que esconde seu sentido mais profundo” (introdução, p. 39). O que une os dois Testamentos não é apenas seu monoteísmo e sua inspiração pelo mesmo Espírito, mas sua continuidade escatológica culminando na cristologia. Se isso se deve chamar um único Testamento sob duas formas ou dois Testamentos, sobre isso não houve unanimidade.

A *pluralidade* das teologias bíblicas, pluralidade que por vezes se encontra no mesmo autor, não precisa le-

var a diversas confissões cristãs: recorda-se o papel unificador do monoteísmo da *Torah* em Israel, a convergência cristológica das teologias cristãs. A pluralidade não se desconecta do único querigma fundante.

Por esta apresentação aparece claramente a importância de que esta coletânea seja publicada em língua acessível ao público latino-americano.

Johan Konings SJ

---

LUCIA, José Sols: *La teología histórica de Ignacio Ellacuría*. Madrid: Editorial Trotta, 1999. 372 pp. 21 X 14 cm. Coleção "Estructuras y Procesos", Serie Religión. ISBN 84-8164-354-8.

---

O autor é professor catedrático da Universidade Ramón Llull e colaborador no Instituto de Teología Fundamental de Sant Cugat del Vallès, Barcelona. É membro do Centro Cristianisme i Justícia e da redação da revista *Selecciones de Teología*.

Originalmente apresentada para a obtenção do título de doutor em Teologia no Centro Sèvres, em Paris (1998), a obra é constituída pela parte central da tese, onde é sintetizada e analisada a teologia de Ignacio Ellacuría – jesuíta martirizado em El Salvador (1989) – e demonstrada a sua validade em outros contextos históricos. Como pano de fundo do estudo, está a seguinte interrogação: "Puede la reflexión teológica introducir en su seno la dimensión político-social y los datos económicos de sociedad sin violentar ni su propia autonomía disciplinar ni la autonomía de las disciplinas sociales?" (p. 14).

O capítulo I (pp. 19-71) é uma introdução ao pensamento de Ellacuría. Isto se justifica porque a tese foi apresentada em Paris onde ele não é suficientemente conhecido e, também, porque sua teologia seria ininteligível fora do seu contexto biográfico e his-

tórico-político. É a partir desta e sobre esta realidade que sua reflexão teológica é elaborada. O A. destaca as pessoas que influenciaram na trajetória de Ellacuría: Elizondro, Espinosa – não o filósofo –, Martínez, Rahner, Zubiri, Arrupe, Romero; e oferece algumas chaves de interpretação da realidade de El Salvador, na qual, da qual e sobre a qual, de modo particular, teve origem sua teologia.

Os capítulos II a VI (pp. 73-279) têm um caráter analítico. Em cada um deles, o A. toma 2 (cap. II, III e V), 3 (cap. IV) ou 1 (cap. VI) "conceitos-chaves" da reflexão de Ellacuría e, servindo-se deles, analisa a articulação entre o político e o teológico, bem como, entre as disciplinas que os estudam. Tratam-se de conceitos que provêm, por um lado, das ciências sociais e políticas (libertação, injustiça, utopia, práxis, povo) e, por outro, da ciência teológica (salvação, pecado, profetismo, Reino de Deus, seguimento, crucificação).

O capítulo VII consiste numa sistematização da teologia de Ellacuría, explicitada nos capítulos anteriores, através de "conceitos-chaves". Trata-

se, na expressão do próprio Ellacuría, de uma “teologia histórica”. Uma teologia que se sabe e se quer historicamente contextualizada; que faz do seu contexto o lugar hermenêutico de acolhida e reflexão sobre a revelação de Deus, em Israel e em Jesus Cristo. Assim, o A. propõe-se a colocar o leitor diante de um “corpus teológico coerente”, não de uma sucessão de escritos de ocasião. E mais! Ele deseja situar o leitor diante de um método teológico, de uma maneira de fazer teologia. Este capítulo é concluído com a afirmação de que existem, na teologia de Ellacuría, duas reflexões simultâneas: uma – chamada de “teologia fundamental” –, que trata da possibilidade de elaborar uma “teologia histórica”; e outra – situada no marco de uma “teologia sistemática” –, que trata dos conteúdos concretos dessa teologia histórica desde a América Latina: a Teologia da Libertação (TdL). Com a primeira, a teologia de Ellacuría ultrapassa os limites espaço-temporais e propõe um tipo de teologia que pode ser aplicada em outros contextos (pp. 335s).

Por fim, o A. faz uma recapitulação de sua obra (pp. 337-345), sendo que dois pontos merecem ser enfatizados: 1 – Ele destaca um limite no seu procedimento metodológico de “análise” da teologia de Ellacuría. Partindo da dualidade – político x teológico –, postula a unidade como problema de difícil solução. Na verdade, como ele mesmo havia apresentado (pp. 104ss), a unidade é anterior e mais radical que a dualidade. Tal limite parece ser superado na análise do último “conceito-chave”: “pueblo crucificado” (pp. 245-279). 2 – Ele insiste, retomando a chamada das duas reflexões simultâneas que acompanham a reflexão de Ellacuría (“teolo-

gia fundamental” e “teologia sistemática”), em que a universalidade da teologia de Ellacuría, para além de sua contribuição para a “teologia sistemática”, reside propriamente na “teologia fundamental”, enquanto método teológico: “teologia histórica”.

Convém, fazendo jus ao pensamento de Ellacuría, uma correção e duas suspeitas ou interrogações à obra em foco.

A correção diz respeito ao comentário do A. à crítica de Ellacuría à “teologia do político”, de Clodovis Boff. Ellacuría não aceita a divisão que Boff faz da Teologia em T1 (temas propriamente “religiosos”) e T2 (temas “seculares”), e a conseqüente redução da TdL à T2. Não é verdadeira a afirmação do A., segundo a qual Ellacuría julga existir dois objetos formais distintos na teologia de Boff (cf. p. 82). Ellacuría entendeu muito bem que, para Boff, o político não é o objeto formal da teologia, mas seu objeto material, na contramão do que diz o A. (cf. p. 81). Entretanto, ele não aceita a redução e a regionalização da TdL (enquanto objeto formal) à T2 (que trata do “secular”). Ele não alude a dois “objetos formais” da teologia e, sim, a dois “objetos materiais”: “religioso” e “secular” (cf. a reflexão de Ellacuría in: Ignacio ELLACURÍA – Jon SOBRINO (org.), *Mysterium Liberationis* – Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación I. Madrid: Editorial Trotta, 1990, p. 325). O próprio Boff, no prefácio autocrítico da 3ª ed. brasileira de sua obra, 15 anos após a 1ª edição, apresenta esta questão como um dos pontos a serem revisados na sua tese doutoral. “Esta distinção não explica por que a TdL não trata somente de ‘questões seculares’, atribuídas à T2,

mas também de questões religiosas atribuídas à competência da T1... Se assim é, a TdL (como área da T2) não se distingue com base apenas num *critério material* (os temas), mas também e, sobretudo, com base num *critério formal* (perspectiva). A TdL trata todas as questões, sejam elas 'religiosas' ou 'seculares', precisamente no horizonte específico da libertação" (Clodovis BOFF, *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993, 3ª ed., p. VI ).

Quanto às suspeitas ou interrogações, a primeira diz respeito à "escatologia histórica" de Ellacuría (pp. 309-318). O A. começa afirmando que, para Ellacuría, a salvação se dá na história e é ela mesma história de salvação (p. 309). Porém, julga não ser menos certo que a salvação oferecida seja meta-histórica (p. 310).

Nossa suspeita toca esta última afirmação a respeito da teologia de Ellacuría. Embora a afirmação esteja respaldada em um texto de Ellacuría sobre a teologia política, publicado em 1973, o uso que dele faz A., sobretudo, ao relacionar o "metahistórico" com o "infrahistórico", evoca um certo dualismo, contrário ao pensamento de Ellacuría. Isto decorre do método utilizado pelo A. para abordar a teologia de Ellacuría (p. 343), cujos limites ele mesmo reconhece. Este perigo poderia ter sido evitado se o A. tivesse utilizado o conceito de transcendência, proposto por Ellacuría em um texto publicado, pela primeira vez, em 1984, curiosamente não citado na tese. Para Ellacuría, comumente "se identifica lo transcendente con lo separado y así se supone que la transcendencia histórica es lo que está separado de la historia; transcendente sería lo que está fuera o más allá de lo que se aprehende

inmediatamente como real, de modo que lo transcendente sería siempre el outro, lo distinto y separado, sea en el tiempo, sea en el espacio, sea en su entidad. Pero hay outro modo radicalmente distinto de entender la transcendencia, que es más consonante con la forma como se presenta la realidad y la acción de Dios en el pensamiento bíblico. Este modo consiste en ver la transcendencia como algo que transcende 'en' y no como algo que transcende 'de', como algo que físicamente impulsa a 'más' pero no sacando 'fuera de'; como algo que lanza, pero al mismo tiempo retiene. En esta concepción, cuando se alcanza historicamente a Dios [...] no se abandona lo humano, no se abandona la historia real, sino que se ahonda en sus raíces, se hace más presente y eficaz lo que estaba ya efectivamente presente" (Ignacio ELLACURÍA, "Historicidad de la salvación cristiana", *Revista Latinoamericana de Teología* 1 (1984) 8-9).

A segunda suspeita ou interrogação diz respeito à universalidade da TdL. O A. não assume uma postura demasiado reducionista com relação à TdL, e mesmo a Ellacuría, ao limitar sua universalidade ao modo de fazer teologia – "teologia histórica" – que, por si, nem é originário da América Latina (p. 290)? Se a teologia histórica é obra do primeiro mundo e se a TdL, que diz respeito ao conteúdo concreto da teologia histórica desde a América Latina, não é universalizável, que tem a TdL – e Ellacuría como um de seus grandes expoentes –, a dizer a toda Igreja? A experiência do Deus de Jesus, aqui vivida e refletida, cuja característica mais marcante e fundamental é a *opção preferencial pelos pobres*, não tem algo a dizer do "conteúdo" mesmo da teologia sistemática, para além

do método, que seja universal, válido para qualquer experiência que se pretenda cristã? Especialmente a partir de Ellacuría, esta questão deve ser respondida de maneira afirmativa. Portanto, a conclusão do A. não segue as premissas, se se pretende negar um valor universal ao conteúdo da TdL, tendo como ponto de partida a teologia de Ellacuría.

Apesar dos pontos questionados, trata-se de uma obra que vale a pena

ser lida. Ela possibilita uma boa iniciação ao pensamento desse grande teólogo-filósofo-analista político – mártir do Reino no “Gólgota” Centro Americano –, ainda tão pouco conhecido, de modo especial, entre nós brasileiros.

*Francisco de Aquino Júnior*